

# Brasil METAL



## INTERNACIONAL

Ano I Nº 348  
05 de Novembro de 2009

### Índice

CUT denuncia o interdito proibitório na OIT	01
Trabalhadores da Vale Canadá virão ao Brasil	02
Metalúrgicos alemães criticam GM	04
Metalúrgicos franceses detidos em aeroporto nos EUA	05
O CIT foi à bancarrota	06

## CUT denuncia o interdito proibitório na OIT

A CUT, as demais centrais sindicais e o MST protocolaram na OIT, em Genebra, uma denúncia contra três práticas antisindiais correntes no Brasil



As entidades protocolaram na **OIT (Organização Internacional do Trabalho)**, no dia 3, uma denúncia contra três práticas antisindiais correntes no Brasil: o uso do interdito proibitório para inviabilizar greves e mobilizações; perseguição e assassinato de dirigentes sindicais; o fato de o Ministério Público do Trabalho, na correta tentativa de coibir cobranças de taxas abusivas, tratar como iguais entidades diferentes e, por isso, estar penalizando também sindicatos sérios, de luta e com ampla base de representação.

**Empresários têm obtido liminares que proíbem os sindicatos de permanecerem próximos das empresas**

**Artur Henrique, presidente nacional da CUT**, representou a Central na audiência com o diretor-geral da OIT, **Juan Somavia**. A audiência foi marcada a pedido das centrais. "Para a CUT, um dos pontos fundamentais dessa denúncia é o interdito proibitório", explica Artur. "A liberdade sindical e de organização está sendo ameaçada e inviabilizada por um mecanismo que nada tem a ver com as relações trabalhistas", critica.

O interdito proibitório é um instrumento da Justiça Cível, que trata do direito e de proteção à propriedade privada. Através dele, os empresários e os banqueiros têm obtido liminares que proíbem os sindicatos e seus associados de permanecerem próximos a agências e todo o tipo de edifício de empresas em geral, e também de realizarem passeatas em determinadas avenidas ou rodovias. O descumprimento da distância mínima determinada pelas liminares acarreta multas de milhares de reais - R\$ de 30 mil a R\$ 500 mil, segundo casos recentes enfrentados por entidades cutistas.

Para obterem as liminares, as assessorias jurídicas dos patrões alegam que as greves e mobilizações implicam riscos de invasão, destruição e de que os trabalhadores "vão tomar posse das propriedades", conforme trecho de uma das liminares recentes. "

Artur também destaca a denúncia da perseguição e de assassinatos de dirigentes sindicais do campo e da cidade como ponto central na peça protocolada hoje na OIT. "Só de casos identificados e que chegaram a nosso conhecimento, há 12 assassinatos de dirigentes sindicais que, desde 2005, estão sem solução e quaisquer punições de acusados. Hoje, segundo a **Comissão Pastoral da Terra**, há 161 militantes ameaçados de morte só no Pará", explica.

A terceira denúncia contida no documento de 88 páginas entregue a Juan Somavia diz respeito ao fato de o Ministério Público do Trabalho não estar conseguindo, segundo Artur, "separar o joio do trigo" ao punir entidades que cobram taxas assistenciais e contribuições dos trabalhadores. *(Isaías Dalle) (Agência CUT, 03.11.2009)*

**A CNM/CUT e a CUT têm atuado contra o interdito proibitório:**

- **Metalúrgicos da CUT contra o interdito proibitório**
- **Pressão e negociação foram as ações da CUT em Brasília**
- **Presidente da CNM/CUT é recebido pelo Ministro Carlos Ayres Britto**
- **Em Brasília, CUT fará manifestação contra Interdito Proibitório**

## Trabalhadores da Vale Canadá virão ao Brasil

A greve dos metalúrgicos e mineiros do níquel e do cobre na Vale Inco intensifica-se e os trabalhadores sindicalizados no USW saem em busca da solidariedade internacional.

A partir da próxima semana equipes de grevistas dos sindicatos locais 6500, 6200 e 9508 do USW viajarão para países nos três continentes, inclusive para o Brasil, para divulgar as razões da greve. Eles vão procurar os clientes, investidores e trabalhadores da Vale em todo o mundo para que pressionem a empresa a estabelecer convênios coletivos justos para os trabalhadores da Inco nas províncias canadenses de Ontario e Newfoundland/Labrador.



De 11 a 18 de novembro uma equipe canadense retornará ao Brasil, onde vai percorrer várias cidades, entre elas Brasília, onde se reunirá com funcionários do governo brasileiro para discutir a greve, e com funcionários da embaixada Canadá. Além disso, vai se reunir com grupos da sociedade civil e líderes sindicais dos metalúrgicos, que também estão em conflito com a Vale por causa de demissões.

A greve tem trazido dificuldades para a empresa brasileira, como mostra o artigo do jornal Valor Econômico transcrito abaixo. Essa situação trará prejuízos para a empresa. Segundo consta são os administradores no Canadá que estão conduzindo as negociações com o USW. Se isso é verdade, está na hora da direção brasileira da empresa intervir para que não se repita o acontecido com a Gerdau que tentou enfrentar os trabalhadores e teve que depois recuar diante das perdas. *(com material do ICEM Brief, 02.11.2009).*

### Disputa trabalhista compromete a Vale

Ricardo Balthazar, Valor Econômico

Uma disputa trabalhista que paralisa as atividades da mineradora Vale no Canadá há mais de três meses ganhou intensidade nas últimas semanas e ameaça comprometer a capacidade que a empresa brasileira terá de aproveitar oportunidades criadas pela recuperação da economia mundial.

A crise internacional fez a Vale suspender em junho a produção nas minas e nas refinarias de Sudbury, a cidade onde estão os ricos depósitos de níquel e cobre que a Vale passou a controlar com a aquisição da mineradora Inco, em 2006. Os trabalhadores entraram em greve em julho e desde então a empresa tem dificuldades para voltar a produzir.

Cerca de 3,3 mil dos 4,6 mil trabalhadores da Vale Inco na província de Ontario, onde se concentram suas operações no Canadá, estão parados. A companhia começou a deslocar técnicos e funcionários dos seus escritórios para áreas de produção no início do mês, num esforço para reativar operações em duas minas e uma refinaria de cobre.

Na semana passada, quando anunciou os resultados do terceiro trimestre, a empresa informou que a paralisação custou até agora US\$ 209 milhões em despesas com a manutenção de equipamentos e instalações afetadas pela greve. A produção de níquel no Canadá foi reduzida a um quarto do nível obtido no mesmo período de 2008.

A empresa tem adquirido produtos acabados no mercado para honrar contratos com clientes, num indício de que seus estoques podem ser insuficientes para enfrentar uma greve mais longa. A Vale evita discutir a situação dos seus estoques, para não gerar desconfiças entre clientes e não enfraquecer sua posição nas conversas com os grevistas.

A greve atingiu a empresa num momento em que a recuperação da economia mundial fez ressurgir a demanda pelos produtos da mineradora. A produção de aço inoxidável, que consome boa parte do níquel produzido no mundo, voltou aos níveis observados antes da crise. Os preços do metal, que despencaram no ano passado, estão se recuperando lentamente.

>>>>>>

## >>>>>>>>> Disputa trabalhista compromete a Vale

A tensão entre a Vale e os grevistas tem gerado grande animosidade. "A empresa quer se aproveitar da crise para extrair concessões e destruir o padrão de vida que conquistamos ao longo dos anos", diz Myles Sullivan, um ativista dos Metalúrgicos Unidos (USW, na sigla em inglês), o poderoso sindicato que representa os funcionários da Inco.

Há duas semanas, numa manifestação em Sudbury, o presidente da sede local do sindicato, John Fera, atacou diretamente o presidente da Vale, Roger Agnelli, fazendo uma referência aos desentendimentos que ele teve recentemente com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Aguentem firme, nós vamos pegá-los", disse Fera aos grevistas. "Até o presidente do Brasil pediu a demissão de Roger Agnelli."

Dois grevistas foram no início do mês até a Alemanha e a Suécia protestar contra um cliente da Vale que recebeu uma carga de concentrado de cobre embarcada no Canadá. Eles falaram com o capitão do navio e pediram à empresa que evite novas encomendas enquanto a greve durar. Um sindicalista sueco que tem assento na diretoria da companhia prometeu ajudar.

No centro da disputa estão os custos elevados das operações da Vale no Canadá. A direção da empresa brasileira quer reduzir os benefícios que os trabalhadores canadenses conquistaram antes de sua chegada a Sudbury e propôs mudanças significativas no contrato coletivo da categoria, que é rediscutido a cada três anos e expirou em maio.

Desde o fim dos anos 90, os funcionários da Inco recebem um bônus calculado de acordo com os preços do níquel no mercado mundial. Em 2007, quando o metal se valorizou como nunca, cada trabalhador levou para casa mais de US\$ 20 mil graças ao benefício. Um funcionário típico da mineradora no Canadá ganha cerca de US\$ 60 mil por ano.

A Vale propôs mudanças na maneira como o bônus é calculado e quer impôr um teto ao benefício, para que ele não ultrapasse 20% do salário. Desde a aquisição da Inco, os trabalhadores receberam US\$ 178 milhões em bônus, uma fração dos US\$ 4,1 bilhões em lucros obtidos pela companhia no Canadá, segundo cálculos do USW.

A Vale também quer mudar o custeio da aposentadoria dos empregados. Eles têm direito a um plano em que a companhia garante benefícios definidos com anos de antecedência e se compromete a cobrir a diferença se as contribuições feitas durante a carreira dos funcionários forem insuficientes.

A Vale calcula que tem uma dívida de US\$ 725 milhões com os trabalhadores canadenses por causa da insuficiência das contribuições feitas nos últimos anos. Ela quer adotar para os novos funcionários planos de contribuição definida, em que os benefícios são calculados na hora da aposentadoria de acordo com as contribuições feitas durante a carreira.

As mudanças são consideradas pela empresa essenciais para o futuro dos seus negócios no Canadá, mas o sindicato se recusa a discuti-las. "Precisamos reduzir custos para garantir que nossa operação será sustentável no longo prazo", afirma o diretor de comunicações da Vale Inco, Cory McPhee. "O sindicato tem que reconhecer que o mundo mudou."

Representantes dos dois lados têm mantido contato, mas não sentam à mesa para negociar desde o início da paralisação. O impasse arranhou a reputação da Vale, mas também criou problemas para o sindicato. "Com a crise e o desemprego, muita gente tem criticado os grevistas por considerá-los privilegiados", diz o presidente da Câmara de Comércio de Sudbury, Steve Irwin, gerente do Scotiabank na cidade.

Os sindicalistas se dizem dispostos a manter a queda-de-braço com a companhia por meses. A todos que duvidam, eles gostam de lembrar de uma greve que paralisou as minas da Inco em Sudbury por nove meses no fim da década de 70. Os grevistas voltaram ao trabalho sem fazer nenhuma das concessões que a empresa tentou obter na época.

Mas a situação atual é diferente. As operações no Canadá representam uma fração pequena dos negócios da Vale, o que aumenta sua capacidade de resistência no confronto com os grevistas. A produção de níquel da Inco, que chegou a corresponder mais de um terço do faturamento da Vale no início de 2007, representou apenas 14% no trimestre.

Mesmo com a recuperação da demanda no mercado internacional, é possível que a empresa tenha condições de se manter afastada por mais tempo da mesa de negociações. "A retomada ainda é bastante incipiente e uma volta da Inco ao mercado agora poderia interromper a recuperação dos preços do níquel", diz Terry Ortslan, da TSO & Associates, uma consultoria canadense. (*Valor Econômico*, 03.11.2009)

## Metalúrgicos alemães criticam GM

IG Metall critica posição da GM ao desistir da venda da subsidiária Opel



"Acordo dos trabalhadores sobre concessões, fica sem efeito", afirmou o presidente do sindicato metalúrgico alemão Berthold Huber

O IG Metall criticou a decisão tomada pelo Conselho administrativo da GM, ao decidir não vender a Opel (leia abaixo) e suas filiais europeias à empresa automotiva Magna, como estava previsto.

Leia também: **Opel convoca greves na Europa contra a decisão da GM**

"Trata-se de um comportamento inacreditável, sujeitar 50 mil trabalhadores na Europa a uma extenuante situação de impasse, durante vários meses, e no final tomar uma atitude de reviravolta incompreensível", afirmou o Presidente do IG Metall, Berthold Huber.

Com esta decisão da GM ficam sem efeito todos os compromissos assumidos no Acordo dos trabalhadores face à Magna. Mantém-se porém o atual plano de futuro para a Opel, que prevê entre outras coisas uma garantia de emprego até 2010. "Foram os erros de gerência da GM que durante anos puseram a Opel nesta má situação. Por isso se torna incompreensível que a GM possa elaborar agora uma solução aceitável", criticou Huber.

Para o IG Metall e para os trabalhadores da Opel é agora absolutamente prioritário impedir as demissões por motivos da empresa e a garantia dos locais de produção, afirmou Huber.

### Desistência da GM

Empresa argumenta que houve melhora no ambiente de negócios e desfaz acordo com a canadense Magna

O conselho de diretores da General Motors decidiu mudar a decisão da montadora de vender o controle de suas unidades Opel e Vauxhall para o consórcio formado pela fabricante de autopeças canadense Magna International e pelo banco russo Sberbank. A empresa justificou a decisão com o argumento de que houve uma "melhora no ambiente de negócios". Além disso, citou a importância estratégica das duas marcas nos planos da companhia, que começa a se recuperar depois de entrar em concordata no meio do ano.

O conselho, que conta com 13 diretores, se reuniu em Detroit ontem, e a venda da Opel estava no topo da agenda de discussões. "A GM vai em breve apresentar seu plano de reestruturação para a Alemanha e outros governos e espera pela sua consideração favorável", disse o executivo-chefe da GM, Frederick "Fritz" Henderson, em nota divulgada à imprensa. "Entendemos a complexidade e extensão que esta questão tem drenado de todos os envolvidos. Contudo, desde o início, nossa meta tem sido assegurar a melhor solução para nossos clientes, funcionários, fornecedores e concessionários, que está refletida na decisão."

Até recentemente, Henderson defendia um acordo para venda de 55% da Opel à Magna. Sob os termos desse acordo, o governo da Alemanha liberaria 4,5 bilhões em financiamento com objetivo de fechar a venda para a Magna e iniciaria uma reestruturação. A Magna se comprometeu a investir US\$ 500 milhões. Os representantes da Magna não foram localizados para comentar a reviravolta no negócio.

A General Motors acredita que os custos de fazer uma reestruturação da Opel por conta própria fiquem em torno de 3 bilhões. A subsidiária europeia da GM foi disputada, além da Magna, pelo grupo belga RHJ International e pela chinesa Beijing Automotive Industry Holding Co. (IG Metall - tradução de Manuel Campos e O Estado de S.Paulo)

## Metalúrgicos franceses detidos em aeroporto nos EUA

Metalúrgicos franceses da CGT foram detidos durante quatro horas por oficiais de imigração dos EUA e interrogados sobre sua participação em protesto pelo encerramento de uma fábrica de Molex em Villemur-sur-Tarn, França.

Dois sindicalistas franceses da **Fédération des Travailleurs de la Métallurgie (CGT)**, uma afiliada da **Federação Internacional dos Metalúrgicos (FITIM)**, foram detidos por agentes da imigração dos EUA no aeroporto de Chicago O'Hare em 29 de outubro e questionados sobre sua participação em um protesto pelo fechamento das operações francesas da empresa americana, Molex Incorporated.

Os dois sindicalistas, que foram detidos por quatro horas, eram parte de uma delegação de membros da **CGT**, que viajou a Chicago para participar de um protesto na reunião de acionistas da Companhia em 30 de outubro. Sindicatos de Chicago contataram parlamentares e o governo pela sua liberação.

Molex, um fabricante de componentes eletrônicos que fornece produtos para grandes empresas montadoras, anunciou em 23 de outubro de 2008 que iria encerrar a sua fábrica Villemur e despedir 283 trabalhadores.

A empresa tem repetidamente se recusado a divulgar informações financeiras para os representantes dos trabalhadores, uma violação do direito do trabalho francês, e suspendeu ilegalmente os trabalhadores se recusando a pagar os salários dos funcionários e gratificações devidas desde 6 de agosto de 2009.

A CGT, que representa os trabalhadores Molex em França, está exigindo que a empresa cumpra com o direito francês e mantenha seu compromisso de negociar com o sindicato para preservar postos de trabalho e respeitar os direitos fundamentais do trabalho e proteção ao trabalhador.

Aos metalúrgicos franceses juntaram-se a cerca de 80 sindicalistas da área de Chicago, incluindo o **United Steel Workers (USW)**, a **Associação Internacional de Mecânicos e Trabalhadores Aeroespaciais (IAM)**, **International Brotherhood of Teamsters (IBT)**, **Sindicato dos Trabalhadores Unidos (SEIU)**, **United Electrical Workers (UE)**, a **AFL-CIO** e a ong **Jobs with Justice**.

Apesar de terem procurações de acionistas válidas, os membros da CGT e um representante da AFL-CIO, tiveram negado o seu acesso à assembleia geral de acionistas.

Em uma carta enviada à administração Molex em França antes desses acontecimentos, o **secretário-geral da FITIM Jyrki Raina** exortou a sociedade a respeitar Estado de Direito e seus compromissos com os trabalhadores franceses.

"Se a Molex Incorporated continuar a violar o direito do trabalho francês, prejudicar os direitos dos seus trabalhadores e não trabalhar com o governo francês e os sindicatos para alcançar uma resolução justa e equitativa, a FITIM irá desencadear uma luta global e usar a nossa influência com os clientes Molex para que recusem o seu produto", ele advertiu. *(Kristyne Peter) (FITIM, 03.11.2009)*



## O CIT foi à bancarrota

### Crise do capitalismo quebra símbolo da história corporativa norte-americana

O CIT Group Inc, instituição financeira que empresta a centenas de milhares de pequenas e médias empresas norte-americanas, amanheceu nesta segunda-feira em concordata, com a crise financeira mundial tornando-o incapaz de se financiar e a recessão atacando continuamente seus negócios. A quebra do CIT, uma das maiores na história corporativa dos EUA, já era esperada havia meses. Embora não signifique um choque maciço para o sistema financeiro, os problemas do CIT pesam ainda mais sobre a frágil economia norte-americana.



A bancarrota também é um golpe para o governo dos EUA, que investiu US\$ 2,33 bilhões no CIT em dezembro por meio do Programa de Ajuda a Ativos Problemáticos (TARP) e deve provavelmente perder a maior parte desse dinheiro. A concordata vai se traduzir na primeira perda realizada para o governo no TARP, embora possa recuperar alguns fundos algum tempo depois.

O CIT combateu o investidor Carl Icahn, que garante ser o maior acionista do CIT, sobre seus planos futuros. Mas no final da semana passada os dois resolveram suas diferenças. A maioria dos credores do CIT já aprovou seu plano de reorganização, e a instituição disse esperar emergir da falência até o final do ano, quando o presidente-executivo Jeff Peek deve renunciar.

Sair rapidamente da falência é vital para o CIT se ele deseja manter seus clientes, que incluem as franquias Dunkin' Donuts e a produtora de filmes Dark Castle Entertainment.

– Quanto mais tempo uma instituição financeira fica em falência, mais o valor de seu negócio se dissipa. O que importa para uma instituição financeira são fé e confiança e percepção – disse Jack Williams, professor especialista em falências na faculdade de Direito da Georgia State University.

O CIT pretende continuar nos negócios, e suas subsidiárias operantes não fazem parte do pedido de falência de Nova York. O CIT continua fazendo novos empréstimos e honrando compromissos com os clientes, disseram pessoas próximas à questão. Assim que a instituição emergir da concordata, espera movimentar negócios incluindo financiamento do fornecedor, que as empresas usam para oferecer financiamentos a seus clientes, e o factoring.

Se os órgãos reguladores aprovarem a medida, o CIT espera financiar novos empréstimos para as empresas com depósitos bancários. O pedido de proteção contra falência não deve abalar os mercados financeiros, segundo Chip Hanlon, presidente do Delta Global Advisors em Huntington Beach, Califórnia, mas ele disse que não é positiva.

– Pode ser psicológico e pesar na mente das pessoas sobre como as coisas estão. Aumenta a dúvida das pessoas sobre a saúde da economia – disse Hanlon. Com a medida, o CIT espera reduzir sua dívida total em cerca de US\$ 10 bilhões. (*Correio do Brasil*, 02.11.2009)